

João: A Jornada da Fé

“Não se turbe o vosso coração” (14:1-31)

Bruce McLarty

Todas as pessoas precisam ser consoladas. Alguns anos atrás, os veteranos missionários Otis e Irene Gatewood passaram umas noites em casa. Trouxeram consigo uma alemã que falava pouco inglês. Quando a levei ao quarto onde deveria dormir, ela pediu que abrísssemos as cortinas. Depois pediu que abrísssemos as janelas também. Como estava frio lá fora, achamos aquilo estranho, mas atendemos ao seu pedido com alegria. No dia seguinte, os Gatewoods nos contaram porque a mulher tinha feito aqueles pedidos tão incomuns. Durante o fim da Segunda Guerra Mundial na Alemanha, os exércitos alemão e russo travaram uma batalha violenta na região onde a mulher morava. Durante mais de um mês eles atiraram balas de canhão um contra o outro, as quais passavam por cima da casa em que ela se escondera, refugiando-se num porão escuro sem janelas, para cuidar de seu bebê recém-nascido. Foi um período terrível, e tanto a mulher como o bebê quase morreram de fome. Finalmente a guerra acabou e a mulher conseguiu escapar daquele esconderijo subterrâneo. Desde então, ela sempre se negou a ficar trancada numa sala escura, abafada e sem janelas! Ela passou um mês difícil consolando seu bebê e agora precisava consolar a si mesmo. Todos nós precisamos ser consolados.

A mensagem de Jesus para Seus discípulos em João 14 começou com as palavras consoladoras: “Não se turbe o vosso coração” (v. 1a). Essa mensagem se fez necessária após os acontecimentos e profecias do capítulo 13. Judas saíra para trair Jesus, Pedro negaria Jesus naquela mesma noite

e a cruz estava se aproximando rapidamente. De uma perspectiva humana, tudo estava “desabando”. Perto do final do capítulo 14, Jesus repetiu as palavras: “Não se turbe o vosso coração”, acrescentando: “nem se atemorize” (v. 27). Os versículos entre esses dois “suportes para livros” contêm os ensinamentos consoladores de Jesus quando Ele e os discípulos passaram pelas horas mais difíceis juntos. Esses ensinamentos ajudaram os apóstolos a avançar na sua “jornada da fé” e podem nos ajudar em nossa jornada hoje.

O fato de Jesus usar o termo “turbar-se o coração” para uma expressão tão consoladora é digno de nota. Em outras três ocasiões no Evangelho de João esse mesmo termo descreve o próprio Jesus:

Jesus, vendo-a [Maria] chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e *comoveu-se* (11:33; grifo meu).

Agora, está *angustiada* a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora (12:27; grifo meu).

Ditas estas coisas, *angustiou-se* Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá (13:21; grifo meu).

Angustiar-se é uma reação natural e esperada em situações aflitivas. Ficamos angustiados quando as coisas dão errado em nossas vidas. Com certeza, se houve um dia para se angustiar, esse dia foi o da crucificação de Jesus. Jesus preparou os discípulos para esse acontecimento desafiando-os a confiarem nEle (14:1) e deixando com eles

alguns recursos especiais.

UM LAR PARA AVISTAR (14:2, 3)

Pouco depois de dizer essas palavras, Jesus foi tirado dos discípulos pelos soldados enviados para prendê-lo (8:1–12). Quando isso aconteceu, os discípulos ficaram sozinhos. Devem ter ficado amedrontados. Desde a primeira infância, ser abandonado é um dos maiores medos. O estranho é que parece que nunca nos livramos dessa fobia.

O Dr. James Dobson falou de uma convidada especial que apareceu certa vez em seu programa de rádio. Ela era uma mulher russa que passara anos num campo de extermínio nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando a mulher esteve no programa do Dr. Dobson, relatou como havia presenciado assassinatos em massa e como havia experimentado todas as formas de privação durante aqueles anos. A seguir, contou como, depois da guerra, foi para os Estados Unidos e se casou. Tragicamente, o marido dela foi infiel, abandonando-a mais tarde. Na conversa com o Dr. Dobson, ela disse que a experiência de rejeição e abandono no casamento foi mais dolorosa do que os anos no campo alemão de extermínio!

Sabendo como é terrível ser abandonado, Jesus mostrou aos discípulos uma nova maneira de pensar na iminente ausência do Mestre. Em vez de se verem abandonados, foram instruídos a verem a ausência de Jesus como um tempo em que Ele estava fora preparando um lugar para eles na casa de Seu Pai (14:2, 3). Que maneira maravilhosa de pensar na ausência física de Jesus!

Hoje, quando dificuldades nos fizerem crer que fomos abandonados e esquecidos por Deus, devemos nos lembrar do que Jesus ensinou os discípulos a fazerem quando se sentissem abandonados na cruz: devemos nos lembrar de que Jesus está preparando um lugar para nós, onde um dia estaremos em casa para sempre com Deus!

UMA DIREÇÃO A SEGUIR (14:4–11)

Depois que Jesus disse aos discípulos que estava indo preparar um lugar para eles, Tomé disse: “Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?” (14:5). Jesus respondeu: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (14:6). Filipe, outro discípulo, acrescentou: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta” (14:8). Jesus, provavelmente com um suspiro no coração, respondeu: “Quem me vê a mim vê o Pai...” (14:9b). Apesar de toda

a confusão dos apóstolos, Jesus enfatizou que era nEle que deveriam dedicar toda a atenção enquanto se preparavam para enfrentar a cruz com Ele.

Queremos estar mais perto de Deus? Queremos estar perto dEle? Como podemos ir até Ele? Jesus disse que Ele é o único caminho para o Pai. Isto se aplicava à noite anterior à cruz e se aplica a nós hoje.

Em um de seus livros infantis¹, Max Lucado conta uma fábula inspiradora sobre um rei que realizou um concurso para decidir quem se casaria com sua filha e se tornaria o próximo rei. Os candidatos eram três cavaleiros: Carlisle, o forte, Alon, o veloz, e Cassidon, o sábio. A missão deles era atravessar uma floresta de cicutas densa e perigosa habitada por pessoas desagradáveis conhecidas como hopenots. O acordo era que o primeiro cavaleiro que chegasse ao castelo do outro lado casaria com a princesa. O rei guiaria os participantes pela floresta tocando uma melodia especial em sua flauta, dos muros do castelo, três vezes por dia. Todavia, enquanto o rei tocasse a canção na flauta para guiar os cavaleiros, os hopenots tocariam imitações da canção do rei para confundir os viajantes. Cada cavaleiro tinha permissão para levar um companheiro consigo pela floresta para ajudá-lo.

Os três cavaleiros valentes entraram na floresta de cicutas e pegaram o caminho para o castelo. No final, Cassidon, o observador, foi o primeiro a encontrar o caminho para o castelo. Como ele conseguiu? Ele escolheu o príncipe, o filho do rei, para ser seu companheiro de viagem. O filho conhecia a canção do pai e podia até tocá-la perfeitamente sozinho. Enquanto viajavam, Cassidon ouvia atentamente. Comparando tudo o que ouvia com a canção do príncipe, ele pôde distinguir entre as imitações dos hopenots e a verdadeira canção do rei.

Jesus, sabendo que Seus discípulos ficariam confusos, desorientados e desanimados quando Ele fosse tirado deles, deu-lhes uma direção para onde deveriam olhar na hora da provação. Deveriam seguir os passos de Jesus, porque Ele era o único guia confiável para leva-los até o Pai. Hoje, a mensagem de Jesus para nós é a mesma. Ele nos chama para olharmos para Ele e seguirmos os Seus passos nos tempos de dificuldade.

¹Max Lucado, *Tell Me the Secrets* (“Conte-me os Segredos”). Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1993, pp. 28–30.

Em suma, Ele diz: “Sigam-Me! Mesmo em meio a tempestades, mesmo quando não puderem ver, mesmo quando não fizer sentido, mesmo quando tiverem grandes dúvidas — no pior momento de suas vidas, sigam-me. Descobrirão que estarão indo até o Pai!”

UMA PRESENÇA PARA EXPERIMENTAR (14:12–14)

Um das histórias de que mais gosto são aquelas sobre crianças que procuram os pais no meio da noite porque estão com medo de dormir sozinhas. Os pais de uma garotinha lhe disseram que ela deveria voltar para a cama e dormir em paz porque Deus estava tomando conta dela. Não convencida por aquelas palavras de consolo, ela respondeu: “Isso pode ser verdade, mas hoje à noite eu preciso de alguém coberto de pele!” Outro menino foi atrás dos pais dizendo que estava com medo. O pai tentou convencê-lo de que Deus estava bem ali no quarto com ele e que não havia nada para temer. Querendo mais do que uma explicação, o garoto sugeriu ao pai: “Então, por que você não dorme com Deus e deixa eu dormir com a mamãe?”

O terceiro recurso que Jesus ofereceu aos Seus discípulos angustiados para consolá-los foi a promessa de Sua presença contínua nas vidas deles. Jesus lhes garantiu que qualquer coisa que pedissem em Seu nome Ele faria, e que, um dia, eles fariam obras maiores do que haviam visto Jesus fazer (14:12–14)! A ausência física de Jesus não limitaria Seu poder de consolar e prestar assistência a eles. Aquela era uma promessa na qual podiam confiar até nas horas mais difíceis.

UM AUXILIADOR PARA SE ESPERAR (14:16–18, 25, 26)

Jesus explicou aos Seus discípulos, em mais de uma ocasião, que Ele estava “indo embora” por um tempo². Todavia, Jesus informou aos discípulos que Sua partida não os deixaria órfãos (14:18). Em Seu lugar Ele enviaria um “Auxiliador” (14:16, 26; NTLH)³. O termo grego traduzido por “auxiliador” significa “aquele que anda ao lado”. Num contexto judicial, refere-se ao advogado de defesa. Em outros contextos,

²Veja 13:33, 36; 14:2.

³“Auxiliador” também pode ser traduzido por “Consolador” (ERA) e “Amparador” (ERC).

significa alguém que é um auxiliar num tempo de necessidade. Todos esses sentidos descrevem o Espírito Santo (14:26) que Jesus enviou aos Seus seguidores após a Sua partida.

O Espírito Santo, assim como Jesus, é divino e deve ser referido como uma pessoa, e não coisa. Ele vive hoje na igreja (1 Coríntios 3:16) e nos cristãos individualmente (1 Coríntios 6:19). Ele é o poder que nos transforma mais e mais à imagem de Cristo (2 Coríntios 3:18) e produz o fruto de Deus em nossas vidas (Gálatas 5:22, 23). Fiel à promessa de Jesus aos Seus discípulos, o Espírito Santo é uma grande fonte de consolo e ajuda na vida do povo de Deus. Porque o Espírito está conosco, entre nós e em nós, não somos “órfãos” espirituais, embora Jesus já não esteja fisicamente na terra.

G. K. Chesterton foi uma vez interrogado por um repórter de jornal numa esquina de Londres: “Senhor, sei que recentemente o senhor se tornou cristão. Posso lhe fazer uma pergunta?” Chesterton respondeu: “Claro”. O homem então perguntou: “Se o Cristo ressurreto aparecesse de repente agora e ficasse atrás do senhor, o que o senhor faria?” Chesterton respondeu: “Ele está aqui”.

Hoje, Jesus está conosco na Pessoa do Espírito Santo. Não fomos deixados sozinhos; não somos órfãos espirituais. Para nós, assim como para os primeiros discípulos, esta é uma tremenda fonte de consolo, ainda que o mundo esteja nos causando angústia.

UMA ORDEM PARA CUMPRIR (14:15, 20, 21, 23, 24, 31)

Outra fonte de consolo que Jesus deu aos discípulos foi uma série de ordens. Embora não pensemos em ordenanças como algo consolador, elas de fato nos dão uma compreensão do que Deus espera de nós. Estar ciente disso nos dá confiança.

Veza após vez no capítulo 14, Jesus convocou Seus seguidores a guardarem Seus mandamentos e Lhe obedecerem. Alguns pensam que essa linguagem é contrária ao amor. Jesus, porém, nunca viu a obediência e o amor como atos diferentes um do outro. Pelo contrário, Ele disse: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama...” (14:21). O amor a Deus é expresso na obediência a Ele.

Para Jesus, obedecer significou morrer na cruz (14:31). Após a longa e tentadora noite

registrada nos capítulos 13 a 19, Jesus foi preso. No dia seguinte, Ele foi pregado numa cruz pelos pecados do mundo. Ao fazer isso, Ele ensinou a Seus discípulos a importância da obediência não só por palavras, mas também pelo exemplo. Obedecer é a maneira de expressarmos nosso amor a Deus.

CONCLUSÃO

Dando continuidade ao Seu discurso, Jesus disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (14:27). Este capítulo começou com o chamado: “Não se turbe o vosso coração” e terminou com uma promessa de paz. Paz é algo que todos nós almejamos, mas que geralmente temos dificuldade para definir. Com frequência, descrevemos paz em termos negativos: paz, pensamos nós, é a ausência de guerra, sofrimento, dor e perda. Jesus, porém, descreveu paz em termos mais positivos: é a presença de Deus. Como você pensa e define a paz?

A paz que Jesus oferece não pode ser roubada por um ladrão, nem exterminada por um assassino, nem despedaçada por um telefonema à meia-noite trazendo notícias trágicas. A paz de Cristo é a presença de Deus. Sua paz nos faz ser

como a “Mulher Virtuosa” descrita em Provérbios 31:25: “A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações”. Nós, também, podemos não ter preocupações quanto ao dia de amanhã, sabendo que Deus está conosco.

Na ocasião em que Jesus ofereceu essas palavras de consolo aos discípulos, eles estavam prestes a enfrentar o caos e a angústia de Sua morte. Hoje, você e eu estamos prestes a enfrentar... bem, não sabemos o que havemos de enfrentar, sabemos? Ao caminharmos pelas veredas incertas desta vida, que nós também avancemos na “jornada da fé”. Fazendo isso, nós também “não teremos preocupações quanto ao dia de amanhã”, sabendo que Jesus nos preparou — como fez com Seus primeiros discípulos — para qualquer coisa que aconteça! ☞

Quando Vem a Perseguição *Atos 7:59, 60*

“A verdadeira vida cristã
sempre requer
uma profunda convicção
e muita coragem.”